

Roseana defende publicamente a reeleição

Pefelista pedirá apoio do pai para FH; Sarney reafirma ser a favor de candidatura do PMDB

Adriana Vasconcelos

Enviada especial

● SÃO LUÍS (MA). Mesmo tendo seu pai, o senador José Sarney (PMDB-AP), dado apoio à candidatura do ex-presidente Itamar Franco na véspera, a governadora do Maranhão, Roseana Sarney, se mostrou ontem inteiramente à vontade para anunciar publicamente seu apoio à candidatura do presidente Fernando Henrique Cardoso. O anúncio foi feito minutos depois de a governadora ter inaugurado, ao lado de Sarney e do presidente, o novo complexo aeroportuário do estado. Em discurso, Roseana disse que está e continuará ao lado do presidente. Antes de o presidente deixar a capital maranhense, a governadora ainda prometeu que pedirá o apoio do pai a Fernando Henrique.

— Já que o presidente José Sarney não será candidato, estou liberada a partir de agora para apoiar a reeleição do presidente Fernando Henrique. É claro que vou pedir o apoio do meu pai também. Mas nós somos independentes. Apesar de todo o preconceito contra a mulher, eu caminho com meus próprios pés — disse a governadora.

— Muito bem governadora, muito bem — emendou Fernando Henrique a seu lado.

O anúncio da governadora do Maranhão constrangeu o senador José Sarney, que se comprometeu a apoiar a candidatura Itamar Franco caso o PMDB decida na sua convenção nacional do dia 8 de março próximo lançar candidato próprio. Embora tenha aceito o convite do presidente para

acompanhá-lo no boeing presidencial de Brasília a São Luís, Sarney disse que não conversou sobre as eleições com Fernando Henrique e reiterou a posição de lutar pela candidatura própria do PMDB.

— Sou pró-candidatura do PMDB. Eu sempre defendi e estou defendendo essa posição. Nesse problema não tem relação de filha e pai. Ela pertence ao PFL, que possui um candidato, e a minha posição é a de ir com o candidato do PMDB, mesmo que não seja o candidato da Roseana — disse.

Sarney lembra que já teve divergências com FH

O senador ainda fez questão de ressaltar suas divergências com o presidente Fernando Henrique, embora destacando que elas nunca foram motivo para que se deixasse em segundo plano os interesses nacionais:

— O Brasil inteiro me conhece e sabe que eu sou um homem absolutamente cordial. Não cometeria a indelicadeza de recusar um convite do presidente para inauguração de um aeroporto aqui da minha cidade. Mas ele foi senador quando eu era presidente e tinha muitas divergências comigo. Eu senador e ele presidente, também tenho muitas divergências. Agora essas divergências não são nunca aquelas capazes de deixar em segundo plano o interesse nacional. Em política, a nossa conduta deve ser sempre equilibrada e civilizada — disse.

Fernando Henrique Cardoso evitou falar da principal consequência de uma possível decisão do PMDB de lançar um candidato à Presidência da República, que poderá resultar no afastamento ime-

diato dos ministros do partido do Governo.

— Não vamos pensar nessas coisas. Vamos ver a decisão do PMDB no dia 8 de março. Até lá, estou confiante de que o PMDB continuará no Governo — desconversou o presidente.

Satisfeito com o apoio público recebido, Fernando Henrique não poupou elogios a Roseana, a quem chamou de parceira. O presidente ainda disse que espera que seu partido, o PSDB, também se engaje na campanha de Roseana a um segundo mandato e confirmou que já levou esse pedido ao deputado Jaime Santana (PSDB-MA):

— Peço aos maranhenses que tenham confiança na governadora e nos homens públicos que estão tratando de levar o Brasil adiante. Que essa confiança se traduza numa parceria. Quem é parceira, cobra e exige. Esse é o estilo da governadora, que exige, cobra, mas também é solidária e está sempre junto. Eu também estarei sempre junto com ela, pelo bem do Brasil — afirmou Fernando Henrique.

Ainda em discurso, o presidente agradeceu o apoio do Congresso Nacional e em especial da bancada maranhense na aprovação das reformas constitucionais.

— Muitos deputados e senadores tiveram a sensibilidade de perceber que, em certos casos, a paixão partidária deve deixar margem à emoção avassaladora do interesse público e nacional. Votamos no Congresso essas reformas pensando no Brasil, não em eleições ou nos nossos partidos — afirmou. ■